

VIDA DE ENSINO (ISSN 2175 - 6325)
VARIAÇÕES MORFOFONÊMICAS NA FALA DE IDOSOS
RIO-VERDENSES

Luzia de Fátima Cabral Ximenes¹

Resumo: Este trabalho visa a analisar e a descrever, sob o ponto de vista síncrono-diacrônico, algumas variações morfofonêmicas realizadas na fala de idosos rio-verdenses. Para tanto, faz-se um estudo sobre mudanças morfofonêmicas, o qual é ilustrado com alguns metaplasmos por supressão em ocorrência no *corpus* pesquisado. Em seguida, realiza-se um estudo sobre vocábulo e sua decomposição mórfica e discutem-se alguns conceitos básicos relevantes para este trabalho, no âmbito da morfologia.

Palavras-chave: Morfologia. Morfofonêmica. Metaplasmo.

Abstract: This work aims to analyse and to describe, under a synchronical and diachronical point of view, some morphophonemic variations in occurrence in the speech of elderly people from Rio Verde. In order to achieve this aim, it was studied morphophonemic changes, which is illustrated with some metaplasms by deletion in occurrence in the researched corpus. After that, I carried out a study about word and I discuss some basic concepts for this work, in the scope of morphology.

Key-words: Morphology. Morphophonemics. Metaplasms.

1. Introdução

Ao se estudar a língua como um fenômeno caracterizado pelo dinamismo, é possível constatar como os diversos elementos que dela fazem parte (os vocábulos, a ordem frasal, os fonemas, os morfemas e outros elementos) sofrem mudanças decorrentes da sua evolução.

O presente trabalho tem o propósito de analisar e descrever alterações morfofonêmicas da língua portuguesa, numa perspectiva síncrono-diacrônica, com base nos dados que constituem o *corpus* coletado para o **Estudo linguístico-histórico em Rio Verde – síncope e escolhas lexicais** (CABRAL XIMENES, 2005).

Numa visão síncrona da língua portuguesa falada no Brasil hoje, muitos dos estudos limitam-se quase que ao estabelecimento de regras que constam dos livros escolares e que vêm se repetindo há anos, num modelo estaticista, dando a impressão de uma língua imutável. Ao contrário, embora haja pessoas que tendem a pensar na língua como algo estático, uniforme, dentro de um mesmo território linguístico, há lugares em que se podem verificar variações e mudanças formais ou semânticas em vocábulos ou segmentos da sua língua padrão. Essas mudanças são percebidas e resultam numa evidência de que a língua não é uniforme, única e imutável.

¹ Professora Do Instituto Federal Goiano – Campus Rio Verde, Mestra em Letras e Linguística
Recebido em 10/04/2009 e Aprovado em 03/05/2009.

L. de F. C. Ximenes

Em uma visão diacrônica, a língua apresenta-se como um sistema complexo, cujas características marcantes são seu dinamismo e sua variabilidade que são resultado de uma ordem lógica interna a elas. O dinamismo situa-se como um dos resultados da evolução do latim vulgar, que por sua vez passou por diversos estágios. Produtos dessa evolução, observam-se diversas mudanças linguísticas das mais variadas ordens. Reconhece-se, desse modo, que as variações existentes, os efeitos de vida social e cultural, fatores de ordem histórica e diversos outros vão permitir explicar a variabilidade das línguas em contextos e condições aparentemente semelhantes.

Dessa forma, este trabalho visa a comprovar, mais especificamente, que ao lado das alterações fonéticas que se realizam no vocábulo, ocorrem também alterações de caráter morfológico, resultando em processos morfofonêmicos. Para tanto, no primeiro momento, faz-se um estudo sobre mudanças morfofonêmicas. Para ilustrar essa parte, apresenta-se uma amostra de alguns metaplasmos por apagamento em ocorrência no *corpus* pesquisado, os quais resultam em processos morfofonêmicos. Em seguida, realiza-se um estudo sucinto acerca do vocábulo e sua decomposição mórfica, momento em que são discutidos alguns conceitos básicos relevantes para este trabalho.

O estudo diacrônico baseia-se nos trabalhos de Dalpian (2002), Coutinho (1976), Penha (1974) e Williams (1973). Para o estudo sincrônico, fundamenta-se, dentre outras obras, em Lopes (2004), Zanutto (2001), Camara Jr. (2001), Jensen (1990), Bauer (1989), Elson e Pickett (1973) e Bloomfield (1933).

2. Processos Morfofonêmicos

O estudo das mudanças ocorridas nas línguas permite, a partir do desenvolvimento da Linguística, da Gramática Histórica e das outras ciências da linguagem associadas, determinar a observância de princípios e evoluções históricas constantes, os quais são regidos por leis fonéticas, condicionadas ao tempo e ao espaço. Um desses princípios é a morfofonêmica, que, segundo Jensen (1990), refere-se ao processo que afeta a estrutura fonológica dos morfemas e as sequências de morfemas. Consequentemente, tal fenômeno resulta em alteração no nível morfológico, ou seja, uma mudança morfofonêmica.

Conforme Camara Jr. (2001), mudança morfofonêmica é um conceito de origem hindu, denominado *sândi*, em que *sam-* significa *reunião* e *-dha* significa *pôr* (*pôr* em reunião, juntar). Esse processo pode ocorrer tanto na parte interna de um vocábulo – *sândi* interno, combinação dos morfemas dentro de um vocábulo – como na parte externa – *sândi* externo, combinação de sons entre vocábulos distintos. Tais mudanças ocorrem primeiramente no nível fonético, ocasionando variações nos sons constituintes em sequência e, posteriormente, afetam também o plano mórfico da língua. Com o propósito de ilustrar o *sândi* interno, Camara Jr. (2001) utiliza como exemplo, o ensurdecimento da oclusiva sonora /g/ que se realiza como /k/ em vocábulos latinos como *actus* e *actor*, constituindo formas em *ag* de *agere* > *agir*. Nesse sentido, as mudanças morfofonêmicas são também caracterizadas por Bauer (1989) como realizações de morfemas correspondentes que diferem um do outro em, pelo menos, um morfema, como ocorre no exemplo citado: /k/ > /g/.

Variações morfofonêmicas...

Com o objetivo de melhor compreender a mudança morfofonêmica, faz-se, a seguir, um estudo sobre metaplasmos.

2.1 O Que São Metaplasmos?

O conjunto de variedades constantes nas línguas pode ser facilmente constatado na existência dos numerosos dialetos, socioletos, gírias etc dentro de uma perspectiva sincrônica. Numa visão diacrônica, constata-se pela diversidade dos textos existentes, desde o latim vulgar até a atualidade, onde se pode verificar a evolução linguística em todos os níveis. Tomando como ponto de partida a modalidade da língua falada em Rio Verde para a perspectiva sincrônica e realizações de períodos pretéritos da língua para a comprovação diacrônica, neste trabalho estudam-se alguns metaplasmos em ocorrência no *corpus* em análise.

As transformações em evidência em um sistema são tendências naturais das línguas que já aconteceram há séculos atrás e que, com o decorrer do tempo, tornaram-se cada vez mais diferentes. Apesar de serem um fenômeno compreendido por alguns estudiosos, não há como negar que essas modificações continuam a ocorrer, o que, provavelmente, poderá resultar, daqui a alguns anos, em uma língua diferente da considerada padrão hoje. Essas evoluções seguem princípios linguísticos gerais, que, por sua vez, seguem tendências mais ou menos gerais, como menor esforço, economia linguística, analogia e variação (COUTINHO, 1976). Mas há ainda uma grande quantidade de leis ou tendências que podem ser observadas na história das palavras, como os metaplasmos.

Os metaplasmos são alterações por supressão, acréscimo ou modificações de

fonemas, pelas quais os vocábulos passam em sua evolução. Essas alterações são apenas fonéticas, já que as palavras conservam seu significado, mantendo o mesmo campo semântico. Conforme apontado, muitas das mudanças que ocorrem hoje na língua portuguesa são explicáveis por processos que já ocorreram na história da formação da língua, os quais são responsáveis pela forma atual de muitos vocábulos aceitos pela norma culta.

Segundo Coutinho (1976), “pode-se afirmar que o português é o próprio latim modificado”. Por essa razão, pode-se dizer que o latim não é um idioma extinto, pois continua a ser falado através das diversas línguas românicas. Foi passando por transformações inevitáveis e chegou até nossos dias. Essas transformações, segundo o autor (op. cit., p. 1), “não se deram por acaso, não foram produzidas pela moda ou capricho, mas obedeceram a tendências naturais, a hábitos fonéticos espontâneos”. Se não houvesse tais modificações, o povo brasileiro estaria, provavelmente, falando ainda a língua assim como ela se apresentava em suas origens.

Os metaplasmos são, então, mudanças fonéticas que ocorrem nos vocábulos ao longo de sua história evolutiva, as quais não interferem no seu significado.

2.2 As transformações de hoje

Os metaplasmos classificam-se, na prática, em quatro maneiras distintas: por supressão, por acréscimo, por transformação (permuta) de fonemas e ainda por transposição de fonema ou acento tônico (COUTINHO, 1976). Neste estudo são contemplados apenas os metaplasmos por supressão (aférese, síncope, apócope e crase). Na apresentação dos dados, aparece, na primeira coluna, a forma de

L. de F. C. Ximenes

acordo com a norma culta e na segunda, a forma realizada pelos informantes, em que o sinal (‘) indica o(s) segmento(s) apagado(s). Em alguns casos, houve realizações distintas do mesmo vocábulo, então, na segunda coluna, foi utilizado o sinal de *torna-se* (>) para indicar as modificações que hipoteticamente resultaram na variante realizada e o til (~) para indicar as diferentes variantes.

2.2.1 Metaplasmos por supressão

Os metaplasmos por supressão são os que subtraem ou diminuem fonemas nos vocábulos e classificam-se em quatro tipos: síncope, aférese, apócope e crase.

Aférese – trata-se de uma mudança que consiste na supressão de um fonema inicial ou da parte inicial (uma ou mais sílabas) de um vocábulo. Nos dados em análise, encontraram-se:

NORMA CULTA	VARIANTES EM OCORRÊNCIA
aturou	‘turô
aguenta	‘guenta
estava	‘tava
apanhar	‘panhá
você	‘cê
amassar	‘massá
ainda	‘inda
diz que	‘iz qui
destrói	‘istrui

Williams (1973) cita como exemplo de aférese: *acūmem* > *gume*, na passagem do latim para o português e *aliança* > *liança*; *destruir* > *struir*, no português (padrão e popular, respectivamente). Em uma pesquisa no sul de Minas Gerais, a qual apresenta várias

realizações em ocorrência variedades distintas da língua popular brasileira, Penha (1974) também confirma a aférese *alambique* > ‘*lambique*, *arribada* > ‘*ribada*, *arrancar* > ‘*rancá*, *apresentar* > ‘*presentá*. Segundo Dalpian (2002), a aférese era comum também

Variações morfofonêmicas...

no português arcaico, em realizações como *ogeriza* > *'geriza*, *alambique* > *'lambique*, dentre outras.

Síncope - é a subtração de um ou mais fonemas no interior de um vocábulo. Nos dados coletados em Rio Verde, as vogais ou sílabas átonas, sobretudo as postônicas não-finais, apresentaram-se mais sensíveis ao apagamento (CABRAL XIMENES, 2005). Dentre outras ocorrências no *corpus* pesquisado, apresentam-se algumas.

NORMA CULTA	VARIANTES EM OCORRÊNCIA
abóbora	abób'ra
almôndega	awmônga > armônca
córrego	cór'gu ~ cói'gu
espírito	ispír'tu ~ isp'rítu ²
fígado	fig'u
fósforo	fósf'u > fósqui * ³
Quirinópolis	Quirinóp'i'
berinjela	ber'jela > brejela*

² Em observação superficial pode-se pensar no apagamento da vogal tônica desse vocábulo, mas o que realmente ocorre é a realização da metátese após a ocorrência da síncope.

³ O asterisco à direita da variante indica uma possível evolução do vocábulo na sequência apresentada.

L. de F. C. Ximenes

A síncope da vogal postônica não-final, conforme aponta Williams (1973), foi um dos resultados do incremento do acento de intensidade, do latim vulgar ao português e exemplifica com *dominum* > *dono*, *manicam* > *manga*, *angelum* > *anjo*, dentre outros. Na modalidade da língua popular falada no sul de Minas Gerais, Penha (1974) confirma a realização da síncope em *isprementá* < *experimentar*, *ispritu* < *espírito*, *úbri* < *úbere*, *fricidadi* < *felicidade*, *relâmpu* < *relâmpago*.

Numa perspectiva diacrônica, pode-se observar que o vocabulário da língua portuguesa apresenta uma tendência acentuada de transformar proparoxítonas em paroxítonas,

fato confirmado desde o latim clássico até o português popular, sobretudo o brasileiro. Os dados apresentados no quadro acima foram retirados de um total de 64 realizações, das quais, 55 realizam-se como paroxítonas, no *corpus* em estudo. Esses dados, portanto, confirmam que a síncope contribui em muitos casos para o predomínio de vocábulos paroxítonos na língua portuguesa. Nos dados em estudo, além das proparoxítonas que se realizam como paroxítonas por meio da síncope, ocorrem ainda outros processos de apagamento no interior de vocábulos paroxítonos, como *berinjela* > *berjela* > *brejela*, e *também* > *tamém*.

Apócope – é uma mudança fonética que consiste na supressão de um ou mais fonemas no fim do vocábulo. Conforme mostram os dados abaixo, a apócope ocorre também no *corpus* pesquisado.

NORMA CULTA	VARIANTES EM OCORRÊNCIA
qualquer	quarqué'
meio	mei'
mais	mai'
dentro	dent'
outro	ôt'
esteio	istei'
comércio	cumérs'
mesmo	mês'
maior	maió

Variações morfofonêmicas...

Apócope do /r/ final nos infinitivos:

NORMA CULTA	VARIANTES EM OCORRÊNCIA
pentear	pintiá'
descaroçar	discaroçá
esquentar	isquentá'
combater	combatê'
ir	í'

No período de transição do latim para o português, segundo Coutinho (1976), ocorreu apócope em: *amat* > *ama*, *legale* > *legal*, *et* > *e*, dentre outros casos. De acordo com Dalpian (2002), a apócope é um processo muito comum em palavras compostas, como *metropolitano* > *metrô*, *fotografia* > *foto*, *motocicleta* > *moto*.

Na linguagem popular em Minas Gerais, Penha (1974) constata *simpri* < *simples*, *Lopi* < *Lopes*, *ligíti* < *legítimo*, *zarrei* < *arreio*. Na modalidade da língua popular brasileira ocorre tanto a apócope do /r/ final nos infinitivos (*ajudá*, *sumi*, *ofendê*), como de outros fonemas em verbos e não-verbos (*sofremo*, *qué*, *sinhô*).

Crase – trata-se de um fenômeno em que há fusão de dois sons vocálicos contíguos.

NORMA CULTA	VARIANTES EM OCORRÊNCIA
álcool	aucu'

O processo da crase é confirmado por Coutinho (1976), na passagem do latim para o português: *pede* > *pee* > *pé*, *leer* > *ler*. No português padrão ocorre a crase quando a preposição 'a' funde-se com pronome demonstrativo (*a* + *aquela* > *àquela*) ou com o artigo (*a* + *a* > *à*). Quando na formação de

palavras compostas, a crase acontece pela união de uma vogal final de um vocábulo com a vogal inicial de outro, denomina-se *degeminação* ou *elisão* (*outra* + *hora* > *outrora*, *de* + *este* > *deste*, *minha* + *alma* > *minh'alma*).

L. de F. C. Ximenes

2.3 Análise dos dados

Conforme constatarem os dados apresentados, a supressão de fonemas resulta em alteração também no nível morfológico, ou seja, nos morfemas que constituem os vocábulos: *abóbora* > *abób'ra*, *estava* > *'tava*, *esteio* > *istei'*, *álcool* > *álcu'*. Tais alterações ocorrem apenas na forma, tanto no início, no meio ou no final dos vocábulos ou morfemas, não atingindo o nível semântico e denominam-se processos morfofonêmicos.

Camara Jr. (2001, p. 44) aponta que “a mudança morfofonêmica é fonte constante de alomorfia” e acrescenta: “quantas irregularidades verbais não se explicam singelamente, em termos sincrônicos, por uma mudança morfofonêmica!”. Com base nos dados em análise, acrescenta-se ainda: quantas mudanças em termos de constituintes nominais não se explicam por mudança morfofonêmica e quantos vocábulos da língua portuguesa não mudaram suas formas ao longo de sua história!

A fim de melhor apreender os metaplasmos apresentados e situá-los como mudanças morfofonêmicas no sistema linguístico, faz-se um estudo sincrônico no campo morfológico, a partir da análise e descrição do vocábulo mórfico ou formal.

3. Análise e Descrição do Vocábulo Mórfico ou Formal

O estudo da morfologia, ou seja, da formação de vocábulos formais ou mórficos serve para demonstrar a flexibilidade da língua. De acordo com Jensen (1990, p. 1), “morfologia é o estudo da estrutura interna dos vocábulos”. Para proceder à análise mórfica, toma-se por base a teoria que distribui as formas linguísticas em livres, presas e

dependentes. Vale lembrar que o conceito de *formas livres e presas* foi estabelecido pelo linguista americano Leonard Bloomfield. No entanto, à medida que trata de direcionar o estudo e o ensino da língua portuguesa para uma abordagem descritiva e direcioná-lo a uma base oral em oposição a uma tradição de base escrita, Camara Jr. acrescenta o conceito de *formas dependentes*.

Formas livres, conforme Bloomfield (1933), são aquelas que constituem uma sequência que pode ocorrer isoladamente e constituem comunicação suficiente, ou seja, não se ligam obrigatoriamente a outras formas. Podem ser representadas por substantivos, verbos, adjetivos e também por numeral, parte dos advérbios e dos pronomes. A forma livre pode ser simples, se for indivisível em unidades mórficas menores (radical, afixo, desinência, vogal temática) ou compostas, se for divisível.

As formas presas constituem parte integrante de um vocábulo, não ocorrem sozinhas, ou seja, só funcionam ligadas a outras. A análise dos vocábulos *cant-ar* conduz-nos à depreensão de formas presas, uma vez que se constitui de duas formas indissociáveis ou presas: *cant-* e *-ar*.

Em análise das partículas proclíticas e enclíticas na língua portuguesa, Camara Jr. (2001, p. 70) vê a necessidade de adicionar o conceito de forma dependente: “conceitua-se assim uma forma que não é livre, porque não pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente; mas também não é presa, porque é suscetível de duas possibilidades para se disjuntir da forma livre a que se acha ligada”. O vocábulo, portanto, se redefine como forma não presa mínima, considerando-se como vocábulos formais tanto formas livres quanto formas dependentes. Em

Variações morfofonêmicas...

decorrência desse fato, incluem-se como vocábulos formais os artigos, preposições, conjunções e pronomes clíticos, ou seja, as formas dependentes que só ocorrem em função de outras formas. Embora não possam ocorrer isoladamente, têm mobilidade de posição em relação às formas das quais dependem.

Conforme aponta Camara Jr. (2001, p. 70), a forma dependente é, portanto, o primeiro exemplo em português da falta de coincidência absoluta entre vocábulo fonológico e vocábulo formal. Trata-se de um vocábulo formal que não é um vocábulo fonológico, senão parte de um vocábulo fonológico, a que se acha ligado pelo acento que domina várias sílabas átonas.

E o autor (op. cit.) redefine como vocábulos formais a grande maioria dos vocábulos gráficos, tanto nomes quanto verbos a ainda as formas dependentes que não têm autonomia no discurso: artigos, preposições, conjunções.

Na língua portuguesa, observa-se uma tendência à junção das formas dependentes, sobretudo das preposições ao vocábulo subsequente, constituindo um só vocábulo. Muitos desses processos já foram lexicalizados, conforme constata os exemplos: *de + aquele* > *daquele*, *em + outro* > *noutro*, *em + a* > *na*, *de + água* > *d'água*. Outros, embora sejam comuns na língua popular, são estigmatizados pela norma culta, como: *com + aquela* > *caquela*, *para + ele* > *prêle*, dentre outros.

3.1 Morfema, Morfe e Alomorfe

Conforme apresentado, o vocábulo mórfico constitui-se de formas livres e formas dependentes. E pode constituir-se ainda de uma única unidade mórfica indivisível ou pode ser formado por duas ou mais unidades menores, denominadas *morfemas*.

O morfema é a unidade elementar no âmbito da morfologia. Dessa forma, constitui unidade mínima significativa, pertencente à primeira articulação de Martinet. O morfema, segundo Zanotto (2001), não deve ser confundido nem com fonema, unidade mínima distintiva, da segunda articulação, nem com sílaba, pois estes são componentes fonológicos e o morfema é constituinte morfológico. Um morfema, segundo Elson e Pickett (1973), pode corresponder a um vocábulo ou parte dele. O vocábulo *árvore*, por exemplo, é constituído de um morfema livre e *árvores*, de dois morfemas: *árvore*, que significa vegetal lenhoso e *s*, que adiciona o sentido de plural. Em virtude de não poder ser falado sozinho, o *s* não constitui um vocábulo. Entretanto, assim como *árvore*, o *s* possui o seu significado e ambos constituem morfemas distintos, sendo um livre e um preso, respectivamente.

Para se identificar um morfema, além da comutação de constituintes, um dos processos recomendados é a segmentação dos enunciados. Quando não é mais possível desmembrar o segmento sem que se perca sua função semântica, como em *árvore-s*, chega-se ao nível do morfema.

Enquanto o morfema pode ser definido por alguns como uma unidade mínima da análise mórfica, o morfe define-se como unidades segmentáveis do morfema. Para melhor compreender os conceitos de morfema e morfe, Bauer (1989) ilustra com a forma *un.touch.able.s* e explica que as partes segmentáveis são os morfes. Já na forma verbal *was* do verbo inglês *to be* (ser, estar), embora os morfemas {BE}, {pretérito} e {singular} possam ser reconhecidos, a *word form*⁴ não

⁴ A *word form*, segundo Bauer (1989), é uma forma particular que uma palavra tem em uma ocasião específica, por exemplo, em inglês, *shot* é uma *word form* da palavra *shoot*.

pode ser segmentada em morfes. Pode-se dizer, portanto, que *was* é um morfe singular que representa os morfemas {BE}, {pretérito} e {singular}.

As duas classes de morfemas que constituem o vocábulo mórfico, tradicionalmente reconhecidas pelos linguistas, são basicamente as *raízes* e os *afixos*. Esses constituintes, conforme Laroca (2004), representam-se por morfes e têm uma distribuição própria. A fim de se observar com maior precisão as mudanças morfonêmicas em ocorrência neste estudo, examina-se cada um desses componentes mórficos.

A raiz, segundo Laroca (2004), é o núcleo mínimo da construção morfológica (*árvore*, *aguent-a-r*). É o morfe simples que conduz o significado básico do vocábulo e pode ser livre ou preso. Bauer (1989, p. 20) descreve a raiz como “a parte do vocábulo que permanece quando todos os afixos flexionais e derivacionais são removidos”. Portanto, é a parte básica sempre presente em um lexema. Quando à raiz se junta uma vogal temática, constitui-se o radical ou tema (*aguenta-r*).

Os afixos, conforme Zanotto (2001), são segmentos fônicos acrescentados antes, depois ou no meio do radical. São morfes aditivos, considerados formas presas, comumente denominadas prefixos, sufixos e interfixos. Em português, os afixos mais comuns são os prefixos e os sufixos. Os prefixos são constituintes adicionados antes do radical, no processo de derivação e têm a função de formar novas palavras. Os sufixos são segmentos fônicos acrescentados depois do radical a fim de criar um novo vocábulo, no processo de derivação (Quirino + *polis* > *Quirinópolis*). Prefixos e sufixos podem ser adicionados

concomitantemente ao radical, como ocorre em *des-caroc-a-dor*.

Ao lado do morfema e do morfe, Bauer (1989) apresenta um terceiro termo, o alomorfe – diferentes realizações (fonéticas, lexicais ou gramaticais) de um morfema, condicionadas pelo ambiente em que ocorrem.

Assim como no estudo fonológico, as diferentes realizações de um fonema são denominadas alofones, na morfologia, segundo Lopes (2004, p. 170), a realização concreta de um morfema – o morfe – também pode resultar no aparecimento de variantes contextualmente condicionadas, os alomorfes. E o autor (op. cit.) estabelece algumas condições para a alomorfia, ou seja, para que morfes diferentes possam representar o mesmo morfema.

A primeira condição para que haja alomorfia, segundo Lopes (2004) exige que dois morfes apareçam apenas em distribuição complementar, ou seja, no ambiente em que se realiza o morfe 1 não se realiza o morfe 2. A segunda, estabelece que deve apresentar ao menos uma diferença perceptível em seus planos de expressão. Por último, que não ocorra, simultaneamente, diferença perceptível em seu plano de conteúdo. Para ilustrar, o autor (op. cit.) utiliza as formas do pronome oblíquo tônico da primeira pessoa do singular – *mim/migo*. E mostra que *mim* apresenta diferenças perceptíveis no seu plano de expressão, uma vez que é empregado em contextos que exigem as preposições *de*, *por*, *para*, dentre outras – “o livro era para mim” (e não para *migo*). Por outro lado, embora *migo* não apresente diferença perceptível no plano de conteúdo, em relação a *mim*, ou seja, ambas são formas oblíquas da primeira pessoa do singular e regidas de preposição, não podem ser usadas no mesmo contexto. A forma *migo*

Variações morfofonêmicas...

só permite a preposição *com* - “eles viajaram *comigo*” (e não com *mim*).

Conforme se pode constatar, entre alomorfia e mudança morfofonêmica há uma relação bastante estreita, uma vez que ambas tratam de alterações que afetam o plano mórfico da língua. No entanto, Silva (1999, p. 21) explica que alomorfia pode ser ou não fonologicamente condicionada. A não-condicionada implica variações livres, que independem de causas fonéticas, como as alternâncias vocálicas em *faz*, *fez*, *fiz*. A fonologicamente condicionada consiste na aglutinação de fonemas, nas partes finais e iniciais de constituintes em sequência, acarretando mudanças fonéticas. Trata-se, pois, de uma mudança morfofonêmica, porque, operando entre fonemas, afeta o plano mórfico da língua. São exemplos de mudanças morfofonêmicas a redução de /in/ a /i/ diante de consoante nasal da sílaba seguinte: *incapaz* /*imutável*.

Dessa forma, supõe-se que as variações em ocorrência nos dados em estudo tratam de mudanças morfofonêmicas, pois realizam-se em ambientes fonologicamente condicionados.

É o que se pretende mostrar na conclusão a seguir.

4. Conclusão

Para o estudo sincrônico são consideradas apenas as realizações em ocorrência em um determinado período do tempo. Todavia, o estudo diacrônico justifica-se em função de que a maioria das mudanças constatadas em vocábulos só se explica sob a perspectiva histórica. O fato de se apresentar diferentes realizações de um vocábulo num dado momento, torna-se relevante, não apenas para o propósito deste trabalho, como também, para pesquisadores interessados em desenvolver familiaridade com a língua, permitindo assim a identificação de vocábulos, ou, até mesmo, morfemas correspondentes, mesmo quando não se reconheça o seu significado.

A fim de não se estender muito o trabalho, para essas considerações utilizam-se apenas dois dados representativos de cada tipo de metaplasmo em estudo, com exceção da crase, fenômeno que ocorreu apenas uma vez.

L. de F. C. Ximenes

NORMA CULTA	VARIANTES EM OCORRÊNCIA
aguenta	'guenta
estava	'tava
abóbora	abób'ra
Quirinópolis	Quirinóp'i'
esteio	istei'
descaroçador	discaroçadô'
álcool	aucu'

Conforme se observa, todos os vocábulos sofrem perda de um ou mais de seus segmentos fonológicos. Verifica-se ainda, que tal perda ocorre tanto no início, no meio ou no final dos morfemas constituintes, tanto em morfemas raízes como em afixos e ainda, em verbos ou não-verbos (*est-a-va* > *'ta-va*, *Quirinó-polis* > *Quirinó-pi*, *des-caroç-a-dor* > *dis-caroç-a-dô*, *álcool* > *álcu*). Tendo em vista que nenhuma dessas mudanças implica em alteração no nível semântico, considera-se que se trata de mudanças morfofonêmicas.

Dessa forma, recorrem-se às considerações de Tarallo (1990) de que as alterações no nível morfológico começaram como um processo fonológico, instauradas desde o latim falado até o português. E,

juntamente com o autor (op. cit.) assume-se a perspectiva teórica fundamentada no princípio da uniformidade da mudança linguística e na possibilidade de utilizar dados do presente para se explicar o passado.

Diante do exposto, constata-se que os vocábulos, ao longo de sua história sofreram e continuam sofrendo alterações de caráter fonológico, as quais afetaram o plano mórfico da língua, não implicando, portanto, nenhuma modificação semântica. Dessa forma, as realizações em estudo na fala de idosos rio-verdenses constituem mudanças morfofonêmicas.

Variações morfofonêmicas...

REFERÊNCIAS

- BAUER, L. **English word-formation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- BLOOMFIELD, L. **Language**. London: George Allen & Unwin Ltd, 1933.
- CABRAL XIMENES, L. F. **Estudo linguístico-histórico em Rio Verde: síncope e escolhas lexicais**. 2005. 89f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.
- CAMARA JR. J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- COUTINHO, I. L. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- DALPIAN, L. Do latim ao português: estudos fonético/fonológicos. Relatório de pesquisa referente ao Edital 05/2001-PRPGP. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2002.
- ELSON, B.; PICKETT, V. **Introdução à morfologia e à sintaxe – tentativa e experimento**. Tradução de Rodrigues, A. D. et al. Petrópolis, Vozes, 1973.
- JENSEN, J. T. **Morphology: word structure in generative grammar**. Amsterdam: University of Ottawa, 1990.
- LAROCA, M. N. C. **Manual de morfologia do português**. Campinas: Pontes, 1994.
- LOPES, E. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- PENHA, J. A. P. Aspectos da linguagem de São Domingos – Tentativa de descrição de linguagem rural brasileira. Revista Alfa, n. 20/21, p. 81-118. 1974-1975.
- SILVA, M. C. P. S. e KOCH. I. G. V. **Linguística aplicada ao português: morfologia**. São Paulo: Cortez, 1999.
- TARALLO, F. **Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1990.
- WILLIAMS, E. B. **Do latim ao português – fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa**. Trad. Houaiss A. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.
- ZANOTTO, N. **Estrutura mórfica da língua portuguesa**. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.